

## Incubadora Democrática

O Brasil figura entre os primeiros na lista dos países que mais empreendem no mundo. Estudo realizado em 2004 pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que mede as taxas de empreendedorismo em 34 nações, apontou o Brasil em sétimo lugar no ranking, à frente de países como os EUA, Austrália e Argentina. Infelizmente, essa grande iniciativa que os brasileiros têm para abrir novos negócios não é acompanhada por uma longevidade satisfatória dos mesmos. Uma pesquisa do SEBRAE, de 1999, revelou que entre 30 e 61% das novas empresas fecharam já em seu primeiro ano de existência, 40 e 68% no segundo ano, e 55 e 73% no terceiro ano, havendo variações nestas porcentagens nos diversos estados da Federação. Já o Cadastro Central de Empresas do IBGE de 2002 mostra que entre 1999 e 2000, para cada 100 empresas que abriram no país, 65 fecharam. São, sem dúvida, estatísticas desanimadoras.

Existe, porém, um mecanismo que pode ajudar a reverter esse quadro: as incubadoras de empresas. Muitos bebês, ao nascer, necessitam ir para uma incubadora, onde receberão cuidados especiais que serão fundamentais para que sobrevivam. Do mesmo modo, os novos negócios também necessitam de cuidados para transpor as adversidades, tão comuns tanto na fase pré-operacional quanto no início da operação de uma empresa. Segundo a definição do SEBRAE as incubadoras *"estimulam a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas (industriais, de prestação de serviços, de base tecnológica ou de manufaturas leves), oferecendo suporte técnico, gerencial e formação complementar do empreendedor"*<sup>1</sup>. O perfil das empresas

<sup>1</sup> Extraído de [www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br)

incubadas no que diz respeito à longevidade inverte a cruel estatística: um estudo Associação Nacional das Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec), em parceria com o Sebrae, revela que 67% das empresas que foram submetidas a um processo de incubação ultrapassam a barreira dos dois anos.

Esse processo de incubação esbarra, contudo, em limitações importantes. As incubadoras são, em sua grande maioria, patrocinadas por Instituições de Ensino Superior (IES). Isso é um aspecto positivo, pois ao levar os novos negócios para o ambiente acadêmico, possibilita municiá-los com a sabedoria dos especialistas e com a efervescência das novas idéias e da inovação tecnológica. Mas as IES enfrentam, invariavelmente, problemas de espaço físico escasso e de restrições orçamentárias. Com isso, os editais abertos por essas IES para seleção de empresas candidatas à incubação acabam por oferecer um número de vagas irrisório diante da demanda potencial existente. Quantificando em números, existem hoje cerca de 300 incubadoras no Brasil e aproximadamente 2,3 mil empresas que recebem ajuda de incubadoras. Diante da limitação de vagas, as IES decidiram optar por um setor que, ao mesmo tempo em que pudesse servir de laboratório de testes para sua produção acadêmica, conferisse uma maior visibilidade no caso de sucesso, ou seja, o de tecnologia. Atualmente existem incubadoras também dedicadas a apoiar novos negócios nos setores cultural, de design e de *agrobusiness*. Embora esteja dentro de suas atribuições, não existem ainda incubadoras que dêem suporte a empresas prestadoras de serviços, inegavelmente o setor onde reside a maior vocação para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais no município do Rio de Janeiro.

É preciso democratizar o acesso à incubação, para que as facilidades e serviços que hoje estão restritos aos "candidatos a Bill Gates" sejam também acessíveis ao pequeno empreendedor que abriu uma lanchonete em seu bairro, só para citar um exemplo. Para tanto poderia ser interessante - após um mapeamento que

detectasse as vocações e potencialidades de arranjos produtivos locais das diversas regiões do município - a Prefeitura, tendo a iniciativa privada como parceira, promover a instalação de incubadoras em pontos estrategicamente selecionados da cidade. Entre os resultados dessa iniciativa poder-se-ia esperar o aumento da renda e do emprego, da arrecadação municipal e, acima de tudo, da auto-estima do cidadão carioca.